

## DEVORÊ ESCARLATE: POÉTICA DO COMER E A LINGUAGEM DO DESEJO.

ALLENDE DE CASTRO PERINI<sup>1</sup>; NÁDIA DA CRUZ SENNA<sup>2</sup>; EDUARDA GONÇALVES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – allendecperni@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alecrins@uol.com.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho ampara os processos de criação e desdobramentos da performance intitulada “Devorê Escarlate”, realizada junto ao Curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes, sob orientação das professoras doutoras Nádia da Cruz Senna e Eduarda Gonçalves. Devorê consiste em uma técnica de tecelagem, em que partes do tecido são gastas — ou, devoradas — em uma espécie de entalhe, criando desenhos com os relevos têxteis. Escarlate, define-se como um tom de vermelho vivo e resplandecente, semelhante a cor do sangue. Os sentidos emaranham-se, construindo uma relação complexa entre o têxtil, o tátil, o corpo e suas propriedades.

A obra tem sua origem nas implicações singulares de imaginários do canibalismo como metáfora do desejo e do amor; em outras palavras, o ímpeto por consumir e ser consumido.

Tais questões são exploradas simbolicamente através da estética exuberante de tecidos utilizados na confecção do trabalho, como o veludo vermelho — que convida ao toque — juntamente com bordados de cristais e contas vítreas, que oscilam entre um aspecto de jóia e de fluidos do corpo, como significados que denotam o sangue e a saliva. Também há a presença de frutas vermelhas: sua aparência evocando a visceralidade; seus aromas convidando a uma aproximação curiosa, atraída.

### 2. METODOLOGIA

O desenvolvimento teve sua origem a partir dos preceitos da pesquisa em poéticas visuais. Circundando o artista e suas relações criadoras no processo do trabalho — conceitualização, pesquisa, feitura, apresentação, dentre outros — na construção de uma obra. A performance ‘Devorê Escarlate’ surge como um desdobramento do poema e livro-objeto, ‘Cocção do Amor’, elaborado na disciplina Percepção Tridimensional, com a professora Helene Sacco. A escolha

pela performance se deu como uma solução às limitações que o formato de livro-objeto trazia, enquanto provocador de visualidades e simbolismos. Portanto, em um gesto delimitador, elenquei os elementos que mais interessavam no livro — o desejo, o devorar, o erotismo, a opulência, as frutas vermelhas e as manchas de seu sumo — e investiguei formas de potencializá-los por intermédio daquela nova linguagem e seus objetos disparadores. Iniciou-se o trabalho de ateliê, contando com encontros com as orientadoras, a partir de projetos com caráter de roteirização por meio de desenhos projetivos (fig. 1). Posteriormente, visitas a exposições e buscas pelas materialidades: tecidos, cristais, etc. Elaboração da cena através de desenhos, e levantamento bibliográfico sobre o tema.

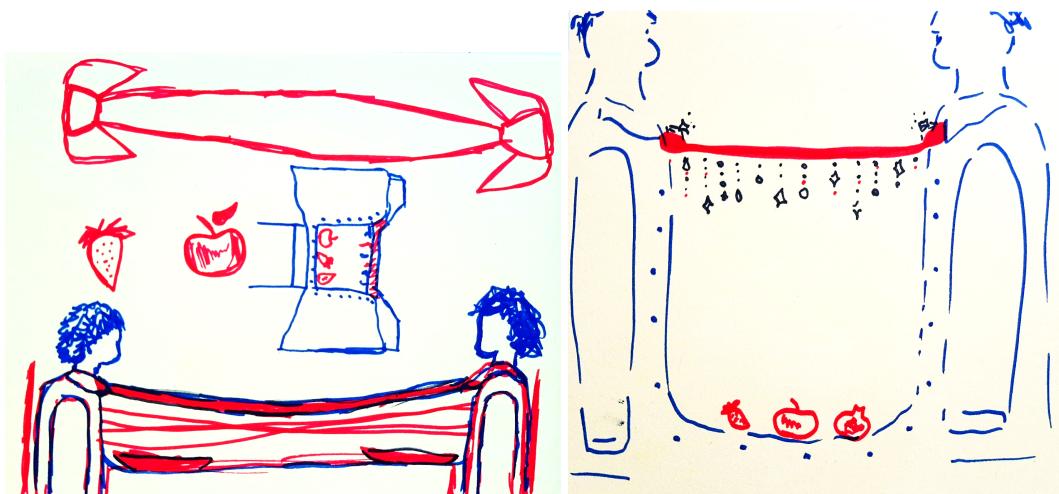


Figura 1. Desenho projetivo da performance 'Devorê Escarlate'. 2023.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A performance encontra seu ponto de início nos materiais intitulados 'Cocção do Amor'. Poema e livro-objeto (fig. 2) partiram da provocação de construir algo relacionado ao escrito Branco sobre Branco (1974, p. 67 - 73) do artista brasileiro Hélio Oiticica. Deste branco no branco, parte um poema autoral almejando evocar o vermelho no vermelho:

A fome é vórtice voraz, insaciável e contínua. Em uma dança divina devora cada sacrifício feito em seu nome: Figo, fígado, filactério, sangue, sangria, santimônia, vinho, vísceras, vicissitude. Ossos, carne e pele a gosto. Macere cada ingrediente. Desse tutano rubro e grosso emergirá algo pulsante. Alimente-se da fruta proibida. Mas deglute-a sem ingenuidade. É comendo que o apetite cresce. E é sabido que ele não sacia. Afinal, a gula é Carnífice e é Sacerdotisa Sua morada é entranha. Seu templo é arcabouço. Sua prece é ternura. Seu dízimo é lascívia. Em

comunhão, minha fome confronta a sua: “Seja ruína em meus dentes, e de bom grado torno sua boca meu sepulcro.” Eu. Só. Queria. Ser. Seu. Antepasto; maldição; prato principal; benzedura; sobremesa; feitiçaria. Comer com os olhos já não é suficiente. (Cocção do Amor, Allende Decásperi, 2023.)

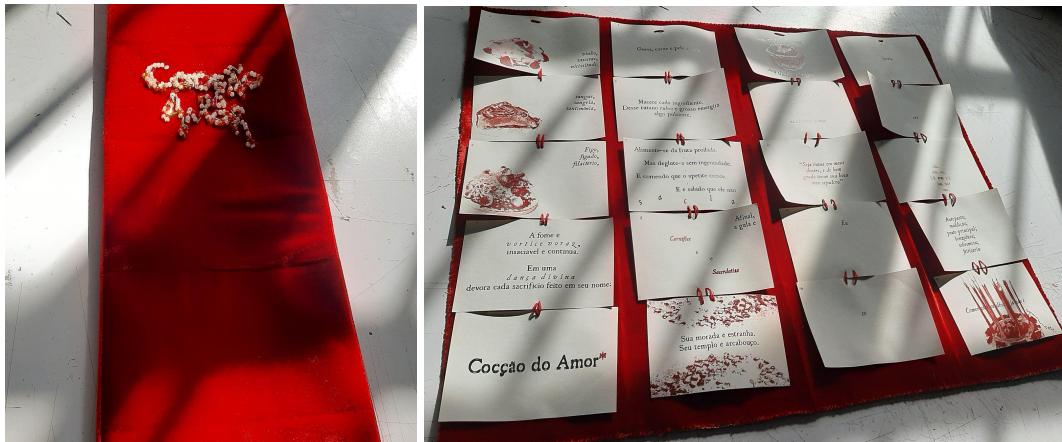


Figura 2. Registros do livro-objeto ‘Cocção do Amor’. 2023.

Para tal feitura, iniciei o movimento de busca por uma bibliografia que amparasse tais investigações acerca do comer como linguagem do desejo. E, denotando uma insatisfação com o livro-objeto como linguagem, passei a idealizar, pesquisar e rascunhar o que seria meu “Devorê Escarlate”. Os objetos que a estruturam são dois bancos, uma mesa, duas camisas sociais brancas que estarão sendo utilizadas por aqueles que performam; dois homens, neste caso. A toalha que repousa entre eles sobre a mesa, será construída de, também, duas camisas sociais, costuradas e abotoadas em um só objeto. Também, haverá uma grande gravata de veludo vermelho, utilizada pelos dois simultaneamente; em ambos pescoços. Dela pendem cristais bordados. Naquela toalha-conexão estarão dispostos frutos vermelhos. Os *performers* irão comê-los, até que restem somente as sobras de seu banquete e as manchas rubras e violáceas daquelas frutas sobre o branco das camisas. Atores e espectadores imersos em visualidades simbólicas. Sobre canibalismo e a metáfora do desejo, juntamente com o vínculo entre esses conceitos e o homoerotismo aqui presente podemos encontrar possibilidades de desencadear as relações na assertiva de Perez:

Em ambas literaturas, antropológicas e psicanalíticas, o canibalismo é o desejo de tornar igual o que é outro, de aniquilar ou assimilar o outro por incorporação. Mas, sob uma perspectiva ontológica, o canibalismo

aniquila as diferenças entre o eu e o outro comido, criando um corpo onde antes havia dois. (...) O canibal pode ser utilizado para resolver as confusões de limites incorporadas na interação eu/outro. Aqui prestamos especial atenção à longa história de ligação entre a homossexualidade e o canibalismo. Se “o sexo gay sempre foi um assassinato canibal” é porque tal ato pode apenas aparentar desta forma canibálistica, não somente por causa de Totem e Tabu, (...) mas também porque é uma proibição primordial: está posto, antes do sentido, como tal. (PEREZ, 2016, p. 10-11. Tradução pelo autor.)

Sendo assim, podemos relacionar os gestos presentes na performance como elementos que potencializam as relações entre os sujeitos e o imaginário metafórico.

#### 4. CONCLUSÕES

O trabalho foi apresentado no dia 19/09/2023, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, contando com registros fotográficos, que possibilitam desdobramentos e estudos posteriores a partir deles. A obra promove uma provocação sensual em torno de todos os sentidos. Possui apelo visual, tátil, olfativo, gustativo, sonoro. Atenta para o erotismo das paixões, como uma experiência poética, transformadora

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OITICICA, C. **Conglomerado Newyorkaises**. São Paulo: Azougue, 2013. p. 67 – p. 73.
- PEREZ, E. **Eat Me: Cannibalism and Melancholia**. 05/2016. Dissertação (no cumprimento parcial dos requisitos para o grau Doutor de Filosofia Divisão de Estudos de Cinema e Mídia) - USC Graduate School.
- SANTOS, S. Divine Hunger: A Poetics of Cannibalism. In: SANTOS, S. **A Poetry of Two Minds**. Athens, Georgia, EUA. University of Georgia Press, 2000. p. 66 – p. 76.